

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 35 do 5.º Ano—N.º 235

Editor, Abel de Vasconcelos Barredo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 27 de Maio de 1915

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

“NAMORO,, DOS MONÁRQUICOS AOS CATÓLICOS

Um aspecto deveras interessante da política monárquica em antes da revolução de 14 de Maio é aquele em que os seus adeptos procuravam atrair para a sua estafada causa a corrente numerosa dos católicos. Como coincidissem fundarem-se simultaneamente centros monárquicos e centros católicos por algumas terras do país, logo os primeiros entraram de reprovam a organização isolada dos segundos, afirmando que a única preocupação do momento devia ser unirem-se para deitar abaixo o regímen.

O Centro Católico Português, todavia, não se deixou ir... no embrulho. Bem sabiam os seus fundadores que os monárquicos restauracionistas apenas se faziam muito católicos para se utilizarem da Igreja como instrumento e arma política—não se esquecendo, além disso, daquele conselho de Pio X aos católicos francezes para se ligarem no campo religioso, conservando fóra dêsse terreno toda a sua independência política.

Esta atitude, como se deia ver, não agradou aos monárquicos, tendo-se, a propósito, na imprensa escrito estirados e desenganadores artigos, tanto de uma como de outra parte.

E a teoria era esta, por banda dos monárquicos: *„Quem é católico deve ser monárquico!..”*

E os católicos, por sua vez, assisadamente lhes respondiam: *„Os regímens políticos não são incompatíveis com a crença católica!..”*

Eram êstes quem tinha razão, e bem fizeram não se deixando ir... no embrulho.

Recorda-nos até que com muita propriedade e muito senso escrevia um jornalista católico em resposta a um dêsses namoros dos monárquicos:

“... Católicos, muito católicos, no mês de Maria, a ouvir boa música e cânticos de meninas; nas missas de grande gala e nos Te-Deums, políticos em que se usa qualquer comenda, mas liberais, profundamente liberais na vida pública, na legislação, nos costumes. Tais são muitos dos que, com suavíssimo canto de se-reia, querem arrebanhar, para serviço de D. Manuel de Bragança e Saxe-Coburgo Gotha, a obra que os católicos hão de fazer para serviço de Nosso Senhor Jesus

Christo. E dão-nos garantias êstes homens? Nenhumas!..”

Não eram muitos dêles agora profundamente liberais—como os correligionários do sr. dr. Afonso Costa, pelo menos—pois que estavam, como dizemos, no seu período agudo de namoro. A muitos dos que agora por aí envergavam opa e pegavam ao pálio, a muitos dêsses a gente da terra ouviu em conjunturas anteriores desdenhar das coisas de Deus e da sua Igreja.

Comediantes, que exploravam o divino para lograrem obter efeitos para a sua política monárquica. *„Dum sabia a «Liberdade» que dizia não mais voltar á missa logo que viesse a monarquia!..”*

Nada admira, pois, que os monárquicos quizessem empalmar para os seus centros os centros dos católicos. *„Duvida alguém que assim fôsse? „Supõe alguém, por acaso, que estejamos nós apenas descobrindo o jôgo dos monárquicos para melhor fazermos o nosso? Então leiam a parte duma circular que a direcção do Centro Católico Português fêz profusamente distribuir:*

“Prevenindo—A direcção do Centro Católico tendo conhecimento de que por algumas terras se fazem convites para a organização de centros católicos e se formam centros católicos, assim denominados parece que com o fim de iludir incautos, mas na realidade centros monárquicos, previne que a orientação do Centro Católico é a seguinte:..”

E de passo que a referida circular explicava a orientação dêsses centros, concluía como principiava—prevenindo os católicos que não se deixassem ir no absorvente e velhaco propósito dos fundadores de certas chafaricas com taboleta de católicas, *mas na realidade apaixonada e exclusivamente monárquicas!*

Tal foi a farça que a revolução de 14 de Maio providencialmente enterrou,—devendo ainda assim não esquecer aos católicos o exemplo, pois que êle é bastante eloquente e significativo para que se não tire dêles as ilações preciosas que oferece.

ECOS

Para que conste

Leote do Régo, o heroico comandante da marinha, que desempenhou um tam alto papel de destaque no movimento revolucionário de 14, disse estas palavras que nós pômos aqui para que todos as tomem na sua sinceridade e firmeza:

„Enquanto houver um marinheiro que disponha da voz altisonante dos canhões ou seja capaz de manejar uma batoneta, não poderão existir mais monarquias e ditaduras em Portugal!

„Alguém ainda terá dúvidas sobre isto?”

Haja juízo

De todos os lados, nesta hora de reconstituição política, se fala e clama pela união da antiga família republicana. Diz uma voz:

„E’ tempo de pararmos com os nossos êtyos. Todas as doenças teem tratamento e se, algumas se não curam podem pelo menos atenuar-se. Se os mais libertos da paixão política souberem exercer uma salutar influência nos seus correligionários, necessariamente se poderá estabelecer uma reacção contra a intolerância partidarista..”

„Mas quanta força moral não é preciso ter para que «os mais libertos da paixão política» arripiem caminho entre a massa dos correligionários, se por uma falsa interpretação da disciplina partidária é costume não divergir dos chefes? ... Enfim, parece que alguma coisa de salutar se vai fazendo no sentido de tornar menos violentas as lutas entre os partidos.

À Câmara

Visto que quem se presa de possuir duas pernas não costuma ter outras duas de sobreceleste, é justo que o vereador respectivo mande picar aquêlle passeio á esquerda da casa do comerciante de lenifícios Camilo L. dos Reis, evitando-se assim os efeitos dum trambulhão e mais as alcavalas do encavacamento respectivo.

Para desgraça bem nos basta a surpresa duma casca de laranja—visto que é mais fácil encontrá-las um cidadão pacífico que um zelador ou um polícia.

«O 5 de Outubro»

E’ um valente semanário que se publica em Vila-Nova de Gaia ajudado com a colaboração de dedicados correligionários. Saudamo-lo pelo seu aniversário, afirmando-lhe a nossa simpatia.

Mapa da guerra

Até hoje: 2 milhões de mortos, 4 milhões de inválidos, feridos e doentes, perto de 4 milhões de prisioneiros.

Uma insignificância aos olhos do kaiser—que muito se diverte com estas contas de somar.

Talvez êle diga que os mortos, por parte dos aliados, o tenham sido... de susto.

„Irá a Itália pôr fim a êste matadouro?”

FEIA

Quando ela triste e lacrimosa passa, Postos no chão os olhos maguados, O seio magro, os braços descarnados, Tal como a imagem viva da desgraça;

Um ar de moça impiedoso esvoaça, Chamam-lhe feia e riem-se, malvados! Sem dó daquêles modos resignados Com que ela veste a dor que a despedaça.

Pobre criança! Deus, que assim te fêz Tam cruelmente feia, foi talvez Para escônder um lindo coração.

Onde a beleza vive triunfante Como o brilho fatal de um diamante Numa camada negra de carvão.

Gomes Sanches.

Uma proclamação ao exercito

Nobres palavras do illustre ministro da guerra sr. dr. José de Castro

„Foi-me dada a grande e elevada honra de ser chamado a presidir aos vossos destinos. Este facto elevou-me a chefe da vossa numerosa familia, embora dela já fôsse membro pelo coração e pelo sentimento.

Não sois para mim estranhos. Conheço as vossas tradições gloriosas, conheço o vosso espirito de sacrificio e relembro com vivo entusiasmo a história pátria, onde o vosso esforço escreve as mais rútilas páginas.

Evocando o vosso passado de isenção e sacrificio, alimento a certeza da vossa benéfica e valiosa acção na hora presente.

Hoje mais do que nunca a nação exige de vós officiaes, sargentos e soldados, a activa expressão das vossas qualidades de militares e de patriotas.

Não pode nem deve haver entre vós lutas ruins de ruins interesses.

Quem pensar o contrário desconhece o vosso valor e o vosso sentido amor pela nossa pátria comum.

Sois todos irmãos, não pode haver entre vós paixões hostis e sentimentos de perseguição. Um único pensamento nos guia—erguer bem alto a bandeira que a nação vos confiou. E ninguém duvida que em vossas mãos ela rebrilhará ao sol das glórias eternas.

E’ urgente estabelecer a paz e a tranquilidade dentro do exercito.

E’ urgente regressar da agitada convulsão das paixões politica á tranquila e disciplinada vida dos quartéis.

Camaradas vossos pagam o seu heroismo em prisões inimigas da Africa do Sul.

Para a sua liberdade e para a dignificação da honra da Pátria vilipendiada deve convergir todo o vosso esforço.

Este deve ser, e é, certamente, o nosso pensamento de todas as horas.

Há quem vos desconheça? Podeis responder-lhe parafraseando as palavras justas e severas do general Pourcet:

Se conhecem melhor o exercito não ignorariam que êle não é o instrumento dum homem, nem dum partido. Pertence á nação e põe o seu dever e a sua honra em servir lialmente o Poder Civil que a nação escolheu, consagrando-se exclusivamente á sua nobre missão: proteger Portugal no exterior e garantir no interior a ordem pública e o respeito á lei e á Constituição.

Podeis contar com o meu sincero desejo de manter bem alto, o prestigio do exercito e de concorrer, com todas as minhas forças, para lhe obter todos os meios de cumprir plenamente o seu dever e a sua nobre missão.

Soldados:

A República carece do vosso esforço e do vosso acendrado patriotismo.

Reuni-vos em torno da bandeira da República, dignificando-a pela vossa nobre e elevada attitude de sempre, defendendo-a com a vossa energia inquebrantável e a vossa fé inexaurível.

A República não duvida do vosso patriotismo e em vós confia para atravessar ativa e gloriosa a crise devastadora que na Europa assola as nações amigas.

Soldados:

A nação tem os olhos fitos em vós e de vós espera a tranquillidade pela qual há já tanto tempo anseia.

Uni-vos em torno da bandeira da República, simbolo do sacrificio e da honra nacional.

Tende confiança nos vossos chefes, êles vos conduzirão, pelo melhor caminho, ao cumprimento exacto dos vossos deveres. Devereis ter uma só politica—a do amor da República, a da execução integral das vossas obrigações militares.

Lisboa, 24 de Maio de 1915.

Viva a Pátria!

Viva a República!—O Ministro da Guerra, José de Castro.

Em beneficio

O terceto do cinematografo que funcionava no teatro de D. Afonso Henriques realiza domingo a sua festa de beneficio com um pragrama ornado de boa musica.

A herança da monarquia

Instrução pública 7% de população analfabeta.

Finanças. 880:000 contos de dívida pública; 30:000 contos devorados em ilegalidades.

Fomento. Só 2.997 quilómetros de caminho de ferro monopolizados; 4.000 hectares de terreno inculto; milhares de quilómetros de estradas intransitáveis; falta de escolas profissionais; 19.000 empregados públicos; monopólios declarados.

Colónias. A maioria de *deficits*, sem civilização a sua riqueza na mão dos estrangeiros.

Defesa Nacional. Exército com reduzido número de homens, pouco armamento, fortes desartilhados, 6 cruzadores avariados, 17 canhoneiras incapazes, 11 lanchas velhas, 3 transportes sem valor e 4 torpedeiros.

Religião. Inúmeras congregações religiosas; A Companhia de Jesus soberana, 8.000 padres guiando o povo... para o céu,

Vaidade Nacional. 1 rei, 2 rainhas, 3 príncipes, 2 duques, 26 marquêses, 157 condes, 249 viscondes, 94 barões, 2.062 conselheiros e cerca de 6.000 comendadores civis.

Diplomacia. Combinações secretas com altas personagens estrangeiras para envio de forças desses paizes contra portugueses, para a manutenção do trono em Portugal.

Cofre do Directório

Um apêlo aos soldados do Partido

O Directório do Partido Republicano Português lembra aos seus correligionários que, apesar de derrubada a ditadura, ainda não é a hora de deixar de concorrer para o fundo de resistência e solidariedade. A reparação às vítimas da ditadura não terminou com esta, e o fundo de resistência deve manter-se para que o partido possa lutar, quando em luta careça de entrar. Além disto é necessário pagar dívidas originadas pelo trabalho revolucionário. O Directório apela, portanto, para a solidariedade dos seus correligionários com o fim de obter que concorram, dentro das suas forças, para o cofre do partido muito desfalcado com as despesas até agora feitas. A força do partido e a sua unidade apoiam-se, em grande parte, nas forças do seu cofre.

O Centro Republicano de Guimarães vai abrir uma subscrição extraordinária entre os nossos correligionários, contribuindo assim ao apêlo justificado do corpo dirigente do partido.

Na hora estreme

Antes com republicanos de «gema» que com monárquicos de «bórra»!

O sr. dr. João Rocha dos Santos deixou de ser o director do semanário monárquico local — «Ecos de Guimarães». Parecerá a muitos que isto seja de nenhuma valia e destaque por se tratar, á primeira vista, dum facto meramente individual. Engano. O sr. dr. João Rocha dos Santos foi, por intermédio do seu jornal, o arauto da restauração monárquica entre nós. Como tal escreveu... escreveu... quanto lhe aprouve e quiz, sem embargo nem medida. Ficaria com isso satisfeito, e espera agora o resultado da sua obra? Não se compreende!

Se éle, nesta hora de desamparamento para os seus, abandona

o reduto que criou e desaparece onde estava então a sua ardente fé monárquica, aquele recheio de acendradas convicções em que tanto nos falava?

Está por igual possuído do mesmo desamparamento dos seus? Não é isso crível em quem se blasonava estar na posse duma inflamada crença...

Mas o ex-director do «Ecos de Guimarães» se aqui se cita é apenas pelo protótipo que de si altamente oferece neste momento. O seu procedimento claramente denuncia que os monárquicos não teem um ideal político, assente em princípios, em bases. O seu escopo não era o prestígio da pátria, a salvação nacional; era apenas o ódio aos republicanos por os haverem enxada da gamela e do estadiam. Se assim não fôra, decerto que o «Ecos de Guimarães» ou desaparecia com o seu fundador, ou continuava, mas nas suas mãos, demonstrando assim que, a despeito do acto revolucionário de 14 de Maio, a sua fé era a mesma, o seu fervor era igual.

Tal não succedeu; de onde se conclue que o sr. dr. João Rocha dos Santos só é um monárquico activo, um monárquico ardoroso e inflamado pela «sagrada causa do trono» (sic) quando a coisa parece estar para breve, quando a coisa se lhe mostra á porta. E, contudo, estes arautos da monarquia não ignoram ser na adversidade que melhor se aquilutam as grandes dedicações partidárias...

Ponham nestes factos os olhos aqueles que alguma vez dispensaram confiança a tais pioneiros da fé restauracionista, e aprendam a julgá-los pela sua psicologia.

Aprendam, sim, para que abandonando-os de vez, ofereçam apenas o seu esforço, a sua vontade e a sua solidariedade áqueles que, embora rudes mas sinceros, a si próprios se estabeleceram uma directriz e um programa e por eles caminham, sem tergiversações nem temores.

Sob o ponto de vista dos partidos, esse caminho indicado: — é o Partido Republicano Português.

Ensino neutro

Pelo ministério da instrução pública foi enviada a seguinte circular aos inspectores escolares e directores das escolas móveis:

Tendo o governo como orientação fundamental o mais inteiro respeito pela Constituição e pelas leis da República, e desejando s. ex.º o ministro da instrução pública que, sem prejuizo dos altos princípios de tolerância que são a base da liberdade de consciência, em nenhuma escola exista o menor vestígio de educação dogmática ou confessional, cujas tradições nocivas no ensino português são sobejamente conhecidas, recomendo a v. ex.º o absoluto cumprimento das doutrinas contidas no artigo 10.º

da Constituição Política da República Portuguesa já expresso no decreto de 22 de Outubro, de 1910 e artigo 51.º do decreto de 29 de Maio de 1911, no que respeita á neutralidade do ensino em matéria religiosa.

Saúde e fraternidade. Secretaria geral, em 19 de Maio de 1915.—O secretário geral (a) João de Barros.

E' assim mesmo como também o compreendemos. O ensino ministrado nas escolas não deve compreender doutrina nenhuma de matéria religiosa, nem a religiosa.

Quer dizer: nem doutrina demonstrativa nem negativa. Exercem esse ensino os padres nas suas catequeses ou os pais nas suas horas de família — se uns e outros entendem que éle convém á formação do carácter, da vontade e do espírito da criança.

O Estado, esse não! E' mister que éle mantenha a mais absoluta neutralidade no ensino — e nem se lhe negue o direito de fiscalizar pela observância deste princípio, até mesmo nas escolas particulares, pois que o Estado, por bem mal que isto a muitos pareça, tem direitos sobre todos os cidadãos e é á éle que cumpre pugnar pelo destino das gerações futuras.

Ação revolucionária

Constituído o governo, a Junta Constitucional dissolveu-se, exprimindo as reclamações seguintes:

Restituir todos os funcionários civis e militares ás situações em que se encontravam anteriormente á ditadura.

Trancar todos os castigos applicados a militares ou civis pela ditadura.

Declarar a nulidade de todos os decretos ditatoriais, tornando válidos unicamente os de carácter eleitoral de 24 de Fevereiro e 12 de Março de 1915, por não haver possibilidade de se fazerem as eleições no dia 6 de Junho, adoptando outro critério;

Encerrar os centros monárquicos e marcar prazo aos cabecilhas e agitadores monárquicos para saírem do país;

Comutar as penas dos indivíduos presos por crimes sociais enquanto o parlamento não resolver sobre a sua amnistia;

Retirar da actividade do serviço os funcionários ou militares de terra e mar que pratiquem ou tenham praticado quaisquer actos hostis ao regimen republicano e á Constituição;

Conceder pensões ás famílias de todos aqueles que faleceram defendendo a República e a Constituição;

Estudar, com a máxima brevidade, a forma de atender ás reclamações, que não acarretem aumento de despesa, das praças de prete, sargentos do exército e da armada;

Vingar a afronta feita á bandeira nacional, activando com energia e decisão a campanha nas nossas colónias africanas.

Comissão Executiva

DA

Câmara Municipal

Pelas 21 horas do dia 21 de Maio reuniu, em sessão ordinária, a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães, sob a presidência do cidadão Mariano da Rocha Felgueiras, achando-se presentes os cidadãos Júlio Cardoso, Joaquim Cardoso, Martins Pereira e Ildio Dias.

E' lida e aprovada a acta da sessão anterior.

BALANÇO

E' apresentado o balanço referente á semana finda, acusando o seguinte:

Em cofre . . . 2:736.46
Em depósito . . . 3:000.00
Na caixa geral . . . 5:735.46

TELEGRAMAS

São lidos alguns telegramas de diversos cidadãos, deste concelho, felicitando a Câmara pela sua integração. Resolveu agradecer.

OFÍCIOS

Do cidadão Jerónimo de Castro, solicitador da Câmara, informando que a Relação do Porto deu despacho a favor da Câmara sobre o processo contra Manuel Pereira Martins. Inteirada.

—Do ex.º Governador Civil, informando tomar posse e oferecendo os seus préstimos. Inteirada e resolve agradecer.

—Do secretário do Internato pedindo para que a Câmara resolva continuar a sindicância feita a éle e ordenada pela Comissão Administrativa, pedindo ao mesmo tempo a sua ausência daquelle estabelecimento.

Determina que o secretário se apresente ao serviço por serem infundados os seus melindres, porquanto a sindicância a que se refere dizia respeito á administração do internato com a qual o secretário nada tem.

—Do administrador do cemitério acusando a recepção dos officios e prestando esclarecimentos sobre a venda e corte de algumas árvores no cemitério.

A Câmara resolve: Quanto ao corte das árvores que seja convidado o administrador do cemitério a apresentar testemunhas comprovativas desse delicto e participe para o delegado contra quem as tenha mandado cortar.

Quanto á arrematação a que se refere o officio e que foi ordenada pelo cidadão Joaquim da Costa Vaz Vieira, sem deliberação da Câmara nem até da Comissão que abusivamente se apossou do município, convida-se também o administrador do cemitério a apresentar testemunhas a fim de se fazer a competente participação em juizo.

—Da Associação Comercial pedindo o subsidio para as festas da cidade.

Resolvido que o pedido seja submetido á próxima sessão extraordinária da Câmara deliberativa.

—Do chefe dos impostos participando irregularidades cometidas pelo guarda barreira da Avenida Miguel Bombarda.

Foi resolvido aplicar a pena de repreensão.

—Foram lidos alguns requerimentos para obras e bem assim diversos pedidos para serem validados alguns despachos feitos pela Comissão Administrativa.

—Por proposta do cidadão Júlio Cardoso, respeitante á regulamentação das horas, o que a Câmara não o pôde fazer por ter sido substituída, resolve dar plenos poderes ao cidadão presidente para tratar do assunto e pedir

uma sessão extraordinária para aprovação do regulamento.

—Resolveu pôr novamente em arrematação as obras para a instalação da Guarda Republicana.

—Deliberou renovar o concurso para a escola de Pentieiros.

—Confirmou as percentagens sobre contribuições.

—Resolveu autorizar o cidadão presidente a pedir ao ex-director do Internato que reassuma as suas funções, pelo menos até se efectuar a passagem do mesmo, que será já novamente anunciada nas condições idênticas da deliberação transacta, marcando-se o prazo de 20 dias.

—Resolveu que prosiga o processo de licença do matadouro de Vizela.

—Ficou o cidadão presidente autorizado a validar os documentos já processados.

Sendo 23 horas, foi encerrada a sessão.

P'ras festas "GUALTERIANAS."

E' concebido nestes termos o apêlo dirigido pela Associação Comercial aos vimaranenses:

Ex.º Sr.—A Direcção da Associação Comercial de Guimarães, convencida de que o que se tem feito nos últimos anos relativamente á Festa da Cidade constitue um novo encargo que não pôde alienar sem faltar aos principios patrióticos que inspiraram os seus beneméritos antecessores, resolveu levar a effeito neste ano, nos dias 31 de Julho, 1 e 2 de Agosto, as grandiosas Festas Gualterianas, com o brilho que as tem tornado famosas, com os atractivos que teem trazido aqui milhares de forasteiros que vão sempre satisfeitos com o que viram, quer seja transitório como as formosas iluminações e adornos das Gualterianas, quer seja permanente como o que a natureza nos dá nesta encantadora paisagem minhota e com o que exibimos em produtos industriais, que muito nos honram.

Esta festa, porém, não é da direcção comercial de Guimarães, é a Festa da Cidade, é a festa de todos os vimaranenses.

Vimos, pois, pedir o auxilio de todos os nossos conterrâneos, e assim rogar a V. Ex.ª se digne contribuir para a realização das Festas Gualterianas, que, sendo uma honra para Guimarães, pela forma como tem sido levadas a effeito, representam uma vantagem para o nosso comércio e para as nossas indústrias.

Esperando do reconhecido patriotismo de V. Ex.ª um benévolo acolhimento ao nosso pedido, somos—De V. Ex. At.º V.º e Obrgd.º. A Direcção—Guilhermino Augusto Barreira, presidente; Domingos Martins Fernandes, 1.º secretário; Manuel Caetano Martins, 2.º secretário; João Garcia de Almeida Guimarães, tesoureiro; José Pinto Pereira de Oliveira, José Teixeira de Carvalho Junior, Simão Ribeiro, directores.

Assente em principio de que esta grande e inolvidável Festa da Cidade é mui util e proveitosa para o progredimento da terra de Guimarães, ninguém, estamos certos, se recusará a contribuir com a sua quota parte de auxilio para a effectivação da mesma—não quebrando assim o fio deste generoso, simpático, e patriótico empreendimento de há anos.

Já foi peticionado o subsidio da Câmara Municipal que tem de ser votado pelo Senado e em orçamento suplementar.

Queremos lembrar á Associação Comercial a conveniência em pedir ao actual ministro do fomento, o sr. dr. Manoel Monteiro, um subsidio para prémios aos expositores da feira.

Palavras sensatas

Há republicanos que entendem que são necessários, pelos menos, dois partidos — um conservador, outro radical. Pois organizem-se esses partidos, arvoretem os seus estandartes, proclamem e defendam os seus princípios, mas lutem fidalgamente, nobremente, sem manchar esses estandartes nem deprimir esses princípios. Lutem como camaradas que foram em longos anos de devotada propaganda e como partidários que são duma mesma idea.

A experiencia provou demais os resultados das lutas aceras, desvairadas, intransigentes. Foram essas lutas que pretextaram, mal embora, a formação dum governo inconstitucional e depois a sua acção perturbadora e profundamente anti-republicana. Foram essas lutas que permitiram a vida dum governo que fêz uma verdadeira obra de capitulação com os monárquicos. E' mais do que lógico, porque é imperiosamente necessário, que essas lutas terminem de vez, e que todos os republicanos se congreguem em volta da República para defender a sua pureza, o seu decôro e a sua estabilidade.

Do «Mundo.»

JORNAL PARA TODOS

A regulamentação

Consinta-me um pouco de espaço na sua «Alvorada» para apreciar um assunto de alta importância, que afecta o comércio em geral, mas em especial a classe dos mercieiros, que não deverei deixar passar sem o meu protesto veemente, pela maneira como a Associação Commercial vem de tratar do assunto. Trata-se da regulamentação das horas de trabalho. Eu concordo com ela, mas o que não posso nem devo concordar é com a maneira porque a As-

sociação Commercial procedeu para com a nossa classe, pois deveria, uma vez que recebeu comunicação da Câmara para emitir a sua opinião sobre o assunto, convocar uma reunião magna para ouvir o nosso parecer, e dessa reunião sairia o mandato da nossa classe que a direcção levaria à Câmara, e que, aceite ou não, a esta ficaria a responsabilidade do sucedido. Não quiz a direcção fazer assim, e dessa sorte fica com a responsabilidade das más vontades que acaso hajam quando este em vigor aquele projecto. Eu levanto aqui este brado para que, se ainda fôr a tempo, se faça uma reunião em que a direcção da Associação Commercial diga o que pediu à Câmara, a exemplo do que tem feito todas as colectividades, e introduzirá no projecto alguns benefícios que possam ser aceitáveis se ainda forem a tempo.

Amigo

Antônio Guise.

Notícias

O dr. Domingos Pereira, deputado bracarense e nosso amigo, teve por parte dos seus conterrâneos no seu regresso de Lisboa, uma recepção entusiástica.

—O Centro Republicano de Guimarães enviou telegramas de felicitação a João Chagas e Manoel Monteiro, e de condolências ao dr. Afonso Costa pelo falecimento de sua mãe.

—O Sr. Luiz Teixeira Jacinto participa-nos que deixou de fazer parte do corpo redactorial do quinzenário «O Melro», declinando qualquer responsabilidade que lhe possa caber.

—Reuniram sabado, na Câmara, os delegados das classes interessadas na regulamentação das horas do trabalho no comércio. O regulamento respectivo será brevemente publicado de harmonia com os pareceres manifestados.

—E' governador civil do distrito o dr. Eduardo Cruz, professor do liceu e ex-director do «Rebates».

—José António Gomes Guimarães, «o Minau», assalariado municipal, foi vítima dum desastre com arma de fogo. Ao seu enterro assistiram todos os empregados da Câmara.

—A direcção da Sociedade avisou que a inauguração do retrato dr. João de Meira e mais a conferência do dr. Alfredo Pimenta, ficarão... para quando lhes conviesse.

—Deposeram no processo judicial sobre os acontecimentos do dia 16, em frente do Centro Republicano, os srs. A. L. de Carvalho, Mariano Felgueiras, Vitorino Lopes Sampaio, J. R. Leite da Silva, Padre António de Jesus Teixeira e capitão Miguel Ferreira.

—Está com o comando de infantaria 20 o tenente coronel sr. Sôto Maior.

—Está no Gerez o sr. Domingos Pires.

—Regressou da capital o sr. Mariano Felgueiras.

—E' presidente do Tribunal de Guerra, com sede no Porto, o coronel de infantaria 20, sr. Acioli de Menezes.

—Dionisio dos Santos, autor do duplo assassinato em Creixomil, foi condenado na pena maxima.

nesta cidade. Base de licitação Esc. 270\$00.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais publicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 22 de Maio de 1915. E eu José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria da Câmara o subscrevi.

O Presidente,

Mariano Felgueiras.

V. Ex.^a deve comprar na Casa High-Life o Cerzidor «ZENITH», para passajar ou pontear meias, roupa branca e de cor.

Não ha nada mais rapido, perfeito e facil:

Appliqu-se a qualquer machina de costura.

CASAS

Arrenda-se ou vende-se uma morada de casas em frente à estação do caminho de ferro.

Para tratar, com a sua proprietária na mesma casa, D. Cristina Rosa de Souza.

EDITAL

(1.^a Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz publico que aceita propostas em carta fechada, que serão apresentadas e apreciadas

em sessão ordinária do dia 11 de Junho, pelas 21 horas, para a direcção e administração autónomas do Internato Municipal, segundo as cláusulas que estão patentes na secretaria municipal. E eu José Maria Gomes Alves, o subscrevi.

Guimarães, 22 de Maio de 1915.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.^a Publicação)

Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz publico que, tendo sido restabelecida no pais a normalidade constitucional, a Câmara Municipal de Guimarães reassumiu o pleno exercicio das suas funções, e que, sendo absolutamente nulos os despachos, resoluções e quaisquer outros actos provenientes da comissão que, em 24 de Abril, criminosamente usurpou a administração do municipio, devem os requerimentos, a que por essa comissão tenha sido dado despacho, ser revalidados, na secretaria municipal, pelos interessados, a fim de serem sujeitos à legitima deliberação da câmara municipal ou da sua comissão executiva. E eu, José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria, o escrevi.

Guimarães, Paços do Concelho, em 18 de Maio de 1915.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(1.^a Publicação)

A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães.

Faz saber que no dia 11 do próximo mês de Junho pelas 12 horas nos Paços do Concelho tem de arrematar-se em hasta pública as obras a fazer no edificio das extintas Dorotêas, para a instalação da Guarda Nacional Republicana, com sede

civemente, que serão comunicados pelo sacerdote à sua própria esposa. O pudor e o orgulho a inibem, pois. Esta opinião, devo acrescentar, tem a corroborá-la o parecer do convertido escritor do «Génio do Cristianismo», de cuja obra transcrevemos estas palavras: «Nos países onde o casamento dos padres é estatuido, a confissão, a mais sublime entre as instituições morais, caducou e devia caducar. E' natural que ninguém queira confiar seus segredos a um homem que confia os próprios a uma mulher...»

Assim pensa também aquele que, como Gomes Leal, um triste acontecimento da sua vida fêz reconduzir às crencas católicas de sua originária educação.

Prova irrefragável de que o celibato clerical se tornou indispensável para assegurar a existência à inventada confissão auricular, está no facto sintomático da aproximação das datas: 1112, em que se decretou o dogma da confissão auricular, e 1139, em que definitivamente se estabeleceu o celibato clerical. Combater, portanto, o relaxante voto do celibato clerical, irmão gêmeo desse outro imoral voto de castidade, o mesmo é que combater a confissão auricular, pois é evidente que uma coisa não subsiste sem a outra.

Eis aqui, originariamente, o primeiro mal provocado pela confissão auricular. Para a conservar, foi e é necessário manter o celibato clerical.

E o que é, em rigor, o celibato dos padres? Santo Deus! Bem melhor é cerrar os olhos para não ver o estendal de misérias que por aí vai, bem melhor é cerrar os ouvidos para não ouvir a história das barragãs, das amas e das sobrinhas, bem melhor é... estar caçado!

Santa coerência a da Igreja, que sagra a união dos dois sexos pelo sacramento do matrimonio, de passo que em nome duma fementida disciplina vai aconselhando aos seus sacerdotes que, se não poderem ser castos, sejam ao menos cautos...

«Caprichosa disciplina — comenta um dia certo padre rebelde mas sensato: — caprichosa disciplina da Igreja que, no seu dogma lança por cima do matrimonio o cingulo da pureza, e violenta os seus ministros à caravana da mancebia!»

Assim é. E o melhor, o mais seguro caminho por onde essa caravana passa — é o confessionário.

Façamos, entretanto, pormais proficuo e oportu-

no, o combate contra o erro, pela educação e instrução.

Meus senhores: Há ainda uma girândola de efeito que sempre fazem estrear nos ares destas discussões aqueles que defendem a confissão auricular. E' o caso daquelas submissões à confissão na hora estreme dos infêrnos. A propósito, deixei-me que vos leia uma pagina sublime de Victor Hugo, na sua obra «O Homem que Ri». Diz assim o imortal escritor:

«Quando se entreabre a porta sombria (refere-se à antevisão da morte) é difícil crer; não crer é impossível. Por mais imperfeitos que sejam os diversos esboços de religião experimentados pelo homem, mesmo quando a creença é informe, mesmo quando o contorno do dogma se não adapta aos lineamentos da eternidade entrevista, sente-se, no minuto supremo, estremecer a alma. Após a vida principia o que quer que é; e esta oppressão sobrepõe-se ainda à agonia. A agonia é o expirar dum prazo. Em tam fatal instante o homem toma sobre si a responsabilidade difusa. O que foi complica o que há de ser. O passado retrocede e entra no futuro. Tam abismo se torna o conhecido como o desconhecido; e estes dois principios, um onde estão as culpas individuais, outro onde está a expectativa, confundem a sua reverberação. E' esta confusão dos dois pegos o que espanta o moribundo...»

Eis que em tais circunstâncias surge o confessor, e vence, — quasi sempre. Quem? Um vencido!

«As retratações de um incrédulo, à hora da morte — diz por sua vez o cura Meslier — nada provam contra a sua incredulidade... Quando o corpo está alterado, também a faculdade de raciocinar se desconcerta ordinariamente com elle.» Surpreendidos os amigos de certo homem célebre sobre o facto de este aceitar o confessor à hora da morte, o mesmo respondeu-lhes: «Não vos admireis, porque eu já não sou quem era, e não sendo o mesmo, não posso pensar do mesmo modo.»

Embora. Logo as trombetas da cleresia, explorando estas... conversões, gritarão em grosso unissono, batendo palmas: — «Vitória! vitória!» Como se a transparência de luz tênue e breve dum crepúsculo — que é o elaborar da morte, podesse oferecer ilações de contraste ao clarão esplendoroso e forte duma aurora — que é o germinar da vida.

Eis-me chegado ao fim do meu trabalho. Incompleto? Talvez. E' todavia uma síntese clara, batendo todas as facetas do delicado problema. Sobre ele, não espero que incidam as discussões sérias dos antagonistas. Em compensação, os moscardos da estupidez, da ignorância e do fanatismo lançar-me hão o anátoma de excomunhão maior, de mistura com os seus salpicos de sandices e parvoeiradas. Deixemo-los!

E' que eu, meus senhores — a quem agradeço a bondade que tiveram em ouvir-me — quero, acima de tudo, contribuir, quero ajudar, com um pouco do meu esforço moral e do meu espirito combativo, a espancar essa tenebrosa e sombria noite dantesca em que a Roma clerical pretende envolver e dominar o espirito humano, impondo à consciencia e ao cérebro, como código fundamental e único, o Silabus, — cujas proposições são, em resumo, a negação da Liberdade, do Progresso e da Sciencia.

Que deixemos por isso de ser religiosos? Não. O espirito ou sentimento religioso é um atributo das almas bem formadas, como o espirito de reacção católica, apostólica, romana, é um sintoma de consciencias empedernidas. Combato, apenas, aquella antipática, repugnante e criminosa chantage clerical, que explora neste mundo o céu, o inferno e o purgatório; combato, apenas, a confissão auricular, por ela servir à maravilha essa chantage.

Quanto aos que vão ao crivo do confessionário impelidos pelo secreto impulso da sua fé, a esses deixemo-los ir, não perturbando sequer a liberdade de o fazerem — ainda mesmo quando sobre essas pessoas tenhamos algum predomínio.

Quanto aos outros, aos que descambaram no fanatismo ou ali acorrem por mera subordinação a uma ideia tradicionalista, a esses dever é de todos quantos queiram dignificar e honrar o seu nome nesta passagem efêmera da vida advirti-los, guiá-los e educá-los, dando assim cumprimento àquelas humanissimas palavras de João Huss, proferidas à hora de ser queimado vivo pelos sequazes da reacção: — «Ensinar a verdade! amar a verdade! defender a verdade até à morte!»

LONDRES EM GUIMARÃES

Abriu na passada segunda feira as suas novas instalações no

Passeio da Independência n.º 17



Casa Penhorista Vimaranesense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

Leiam todos—Senhoras e Homens!

Dois assombrosos inventos científicos!!!

AMOSTRAS GRÁTIS

Não temendo insucessos e para que aqueles já iludidos com ineficazes específicos anunciados para os mesmos casos, **forneçamos, de graça,** os nossos dois preparados, a título de reamo, para que se possa avaliar os seus surpreendentes efeitos. Quem nos remeter 100 rs, receberá uma elegante caixinha «Crème Richard» (seu valor 200 rs.) com a maneira de usar. De igual modo, por 200 rs., enviamos meio frasco do «Talisman dos Cabelos» (seu valor 400 rs.)

N. B.—Estas importâncias são unicamente para cobrir, em parte, as despesas de correio, frascaria, embalagem, impressos, rótulos, etc.

OBSERVAÇÃO—Só se recebe em pagamento vales postais, outras ordens ou estampilhas de continente da taxa de 25 rs.

O TALISMAN DOS CABELOS

de E' Richard, químico-perfumista de Paris.

é o melhor tónico capilar!

E' o único que faz nascer o cabelo nos sitios onde tenha caído, impede a queda e o branqueamento; extermina a caspa (causa principal da calvicie) e fortifica-o; promove o seu crescimento, desengordura-o e dá-lhe flexibilidade, tornando-o expeço, brilhante e sedoso; mantém a cabeça em irrepreensível asseio, perfuma-a agradavelmente, facilita e conserva o penteado.

Logo aos primeiros tempos de uso se começa sentindo os seus prodigiosos efeitos.

Preço

Um frasco grande 800 rs. Pelo correio 900 rs. Pelo correio registado 950 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da recepção) 1.030 rs.

O CRÈME RICHARD

Realça e conserva a formosura das senhoras novas; rejuvenesce e embeleza a de idade!

Torna a pele macia, lisa, alva e perfumada, livrando-a de sardas, panos, pontos negros, fendas nos peitos, mãos e lábios, cieiros, vermelhidão e escamas farináceas, desenvolve, enrija e arredonda os seios; encobre de maneira maravilhosa, os sinais de bexigas; fixa, invisivelmente, o pó de arroz não empastando, preserva a cutis da acção do frio e calor.

E' usado, igualmente com vantagem, contra cravos, feridas, etc. Converte assim, por encanto, um rosto pálido, anémico e extremamente feio em formoso, adquirindo uma côr sãdia dum delicado setim e frescura.

Preço

Um boião grande 500 rs. Meio boião 300 rs. Pelo correio mais 25 rs. Pelo correio (registado) 75 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da entrega) respectivamente 720 e 520 rs.

Estes preparados não contem substancias nocivas á saude.

Numerosos atestados comprovam o que afirmamos.

Pedidos a J. T. RHCINE—R. dos Donadores, 197, 2.º—LISBOA

Confeitaria Parisiense

—DE—

DOMINGOS VINAGREIRO & F.ºS

Grande e variado sortido em pasteis.	Especialidade em café á chavena da conhecida marca "A Brasileira,"	Bombons e rebuçados de todas as qualidades.
Variada em doces.		Massas e farinhas alimenticias.
Especialidade em doce de ovos.	Serviço de chá	Chá café chocolates e cacau.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.	Manteiga da Cooperativa Vimaranesense	Mercearia de primeira qualidade.
Champagnes, Cognacs e licores.		Especialidade em queijo da Serra.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras das principais fábricas.	Lunch's Sandwichs	

Executam-se encomendas para Casamentos, Batisados e Soirées.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. 25- sinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão